

**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E A FORMAÇÃO DOCENTE: COM A PALAVRA, O
PROFESSOR**

**DISTANCE LEARNING AND TEACHER EDUCATION: WITH THE WORD, THE
TEACHER**

POTTMEIER, Sandra
pottmeyer@gmail.com
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

PROBST, Melissa
melissaprobst@terra.com.br
UTP - Universidade Tuiuti do Paraná

RESUMO Este texto discute a Educação a Distância (EAD), a formação docente e a forma como a EAD atinge a formação dos professores, com destaque aos inseridos na rede pública de ensino. O presente texto tem ainda por objetivo compreender o sentido de educação a distância na voz do professor de escola pública. Optou-se pela escolha deste sujeito, o professor, pois este é um ser social e historicamente situado. Em virtude da complexidade da temática e dos limites da sua compreensão, essa reflexão, a partir da voz do professor de escola pública, representa apenas um esforço inicial de problematizar a temática e de buscar alternativas possíveis para aprofundamento do debate em curso. Buscam-se, assim, elementos que caracterizam as marcas ideológicas, o lugar de onde esses sujeitos falam e de como essas marcas contribuem para identificar as condições de produção que podem interferir significativamente no enunciado do sujeito. A geração de dados está baseada em entrevista aberta com docentes, egressos da EAD, que ministram aulas de língua portuguesa, geografia, ciências/biologia nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio em uma escola da rede pública de ensino localizada no Vale do Itajaí (SC). Os resultados sinalizam para a educação a distância como a possibilidade/oportunidade de formação do docente. O que se diferencia, entretanto, são as capacidades de cada docente da EAD, esses que se incluem num espaço social e cultural por meio da interação com o outro (professor/tutor/aluno). A educação a distância, possibilita que o docente em formação tenha autonomia para estudar a partir de sua organização e disciplinamento; em outras palavras, é uma modalidade de ensino que permite a emergência de novos projetos, com possibilidades outras de ações a serem executadas no campo da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a Distância. Interação. Professor.

ABSTRACT This text discusses the Distance Learning and the teacher education and how the Distance Learning involves the teacher education, with especially attention to the teachers of public school. This text also aim to comprehend the meaning of distance learning in the teacher of public school speech. The choice happened, because this person, the teacher, is a social and historical subject. Therefore to the complexity of the theme and the problems of their comprehension,

that reflection from the speech of the public school teacher is only one beginning effort to ask the theme and search for possible alternatives to understand the conflicts. Then, research that shows the ideological points, the place where these subjects/teachers speak and how that points contribute to indentify that conditions of production that can mean in subject speech. The data is based in interviews with teachers, graduates of Distance Learning, these teachers teach Portuguese, Geography, Science/Biology in final grades of elementary and middle at a public school in Vale do Itajaí (SC). The results show to a Distance Learning as teacher education opportunity. The difference is the capacities of each Distance Learning teacher, they include in a social and cultural space through the interaction with other (teacher/tutor/student). The Distance Learning allows that teachers education have autonomy to study from their organization and discipline; in other words, it is a teaching method that allows a new projects with possibilities to other actions to be done in education field.

KEYWORDS: Distance Learning. Interaction. Professor.

1 INTRODUÇÃO

Tecemos este artigo acerca da educação a distância na voz do professor, em específico, o professor da rede pública de ensino. Temos observado que nas últimas décadas, a educação a distância tem se apresentado como uma das novas possibilidades para a formação continuada de professores. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/96 contemplou inicialmente o incentivo à EAD. Em suas Disposições Gerais, Artigo 80, a presente lei atribui ao Poder Público “o papel de incentivar o desenvolvimento de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades, e de educação continuada”.

Logo, a Lei 9.394/96 apresenta para a EAD um ponto de partida à busca de alternativas que tornem viáveis a democratização do acesso ao ensino superior (licenciaturas, bacharelados ou tecnológicos), permitindo a realização de cursos por pessoas que residem em locais distantes das instituições educativas ou que estão fora do sistema regular de ensino por algum motivo.

A formação de professores na modalidade EAD (Educação a Distância) alcança possibilidades de atuação profissional, sem perder de vista o saber docente, o prazer e o significado contido na aprendizagem desde que não consista apenas em aulas de conteúdos pedagógicos para professores. Nesse contexto, consideramos que seja necessário buscar, paralelamente, o desenvolvimento de

habilidades e competências que possibilitem ao professor, em formação, desenvolver uma identidade profissional sólida por meio de simulações e práticas do saber-fazer docente.

As escolas dão legitimidade a este saber produzido no exterior da produção docente, que propaga uma concepção dos professores centrada na difusão e transmissão de conhecimentos. Contudo, a escola é também um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos “professores como profissionais produtores do saber e de saber-fazer” (NÓVOA, 1992, p. 16).

Depreendemos este “saber-fazer” (NÓVOA, 1992) a partir de uma busca incessante do docente no que se refere a sua formação, uma vez que a necessidade do uso das várias tecnologias, principalmente do computador, no intuito de educar, vem crescendo ano após ano. Destacamos que atualmente esse saber-fazer dos docentes é permeado pela tecnologia na medida em que esta invadiu os espaços escolares, podendo ser utilizada tanto pelos alunos (aliada ao processo de ensino-aprendizagem), quanto pelos docentes que, cada vez mais, têm optado pela Educação a Distância (que por sua vez depende das tecnologias para existir no atual contexto).

A partir desse movimento democrático que vem permitindo que docentes tenham a oportunidade de cursar uma graduação, uma especialização, dar continuidade aos estudos em cursos de formação continuada sejam presenciais, semipresenciais ou a distância é que vamos buscar nas entrevistas realizadas com professores de escola pública, a compreensão da EAD. Com a nova LDB (9.394/96), no contexto da redemocratização política na década de 1990, há uma sinalização para que a formação continuada de professores fosse efetivada por meio da EAD. Logo, essa modalidade educativa ganha respaldo legal, encontrando bases para a sua institucionalização e se materializando por meio da implantação de programas, projetos e ações.

Segundo Freire (1987), uma educação democrática é aquela que dá vez e voz a seus atores, que se concretiza nos preceitos da coletividade e, na qual a participação é premissa para que o processo de mudança possa acontecer. A partir disso, uma das questões que move a pesquisa é: “Os professores entrevistados foram contemplados por um ensino democrático que lhes permitiu ter voz e vez no

processo de ensino e aprendizagem na modalidade a distância?

Conseguimos compreender a partir de Freire (2011) que por meio dessa consciência pela busca ao conhecimento do próprio docente, teremos um profissional mais autônomo, mais crítico, mais consciente e compreendendo que o local onde ele vive necessita dele para que haja esta mudança. Neste sentido, Freire (2011), considera a “palavra” mais que instrumento, ela representa a origem do diálogo.

Pode-se dizer que o “diálogo” aqui neste contexto, ou seja, o da formação docente a partir de cursos de graduação na modalidade a distância, ocorre entre o professor/tutor e o aluno (que nesse caso é o docente em formação), entre aluno e aluno em um processo de interação, seja na sala de aula tradicional ou na sala de aula virtual. Esse docente em formação tem a possibilidade de abrir a consciência para o mundo e com o mundo através da palavra. Pensando nesse diálogo, buscamos nesse artigo compreender o sentido de educação a distância na voz do professor a partir de entrevista aberta com três docentes, egressos do curso de EAD, que ministram aulas de língua portuguesa, geografia, ciências/biologia nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio em uma escola da rede pública de ensino localizada no Vale do Itajaí (SC).

O aporte teórico é cunhado pela Análise Dialógica do Discurso (BAKHTIN, 2003; 2012) ao tratar da linguagem como interação; Freire (1987; 2003; 2011) e Giroux (1997) no que se refere à educação num viés dialógico, democrático; Nóvoa (1992) e Tardif (2002) quanto à formação docente; bem como outros autores que nos auxiliam na compreensão do tema.

O texto está organizado em três seções: o desenvolvimento, que apresenta a sumarização de pressupostos teóricos que marcam o que é educação/ensino a distância; os métodos e discussão dos resultados e, por fim, seguem considerações e referências.

2 A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NUM VIÉS DIALÓGICO

A concepção de linguagem, para esse contexto de pesquisa, em se tratando da formação docente na modalidade de ensino a distância, é concebida como

espaço de interação social (BAKHTIN, 2003) e encontra-se concretamente estabelecida na sociedade por meio do campo verbal e do não-verbal. Quando falamos de leitura, escrita e produção de sentidos, trabalhamos a linguagem em seu campo verbal, mas com o entendimento de que a presença do não-verbal é bastante forte nos dias atuais.

Assim, consideramos que a linguagem verbal e a linguagem não-verbal se entrelaçam cotidianamente e são interdependentes, prova disso são as práticas de leituras vinculadas às imagens, sinais e aos símbolos, bem como aos textos intermediados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)¹. Os sentidos produzidos *na* e *pela* linguagem dependem dessas duas formas de se comunicar na leitura e na escrita. Assumimos então a ideia da manifestação plural da linguagem a partir de falas de professores (egressos da EAD, sujeitos dessa pesquisa) que vivenciaram espaços de práticas de leitura e escrita continuamente como forma de interação entre professor/tutor/aluno em cursos de Educação a Distância em nível de graduação.

Tal concepção de linguagem nos permitiu pensar a questão que move a presente pesquisa: “quais os sentidos de Educação a Distância na voz do professor de escola pública?”. A partir de então, surgiu o objetivo geral desse trabalho que é compreender os discursos acerca da educação a distância a partir da voz do professor de escola pública. Além do objetivo geral, tem-se por objetivos específicos: a) depreender nos discursos dos sujeitos, esse processo de ensino e aprendizagem à distância no contexto em que se inserem; b) analisar as reflexões dos sujeitos sobre os sentidos dos discursos acerca da educação a distância e; por fim, c) compreender como esses sujeitos se veem nesse contexto em seu dia a dia.

A partir disso, destacamos as categorias de análise a serem apontadas na seção destinada à apresentação dos métodos e discussão dos resultados, a constar: A educação a distância e a postura do aprendiz; A formação superior a distância e o modelo presencial; A interação entre professor e aluno; A escola/universidade e os aspectos didáticos e curriculares.

¹Considera-se importante citar que as TIC são aqui compreendidas como instrumentos/recursos essenciais da Educação a Distância, um dos objetos de reflexão do presente estudo.

Assim, na sequência, discorreremos sobre Educação a Distância num viés dialógico, democrático, perpassado pela era do conhecimento.

2.1 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: A LINGUAGEM COMO INTERAÇÃO

Iniciamos esta subseção a partir do que evoca Pretti (2005, p. 25 apud TAFNER; TOMELIN; SIEGEL, 2009, p. 1-15), que “a mediação tecnológica não pode eliminar ou querer se colocar no lugar da mediação humana”. O processo de construção do conhecimento ocorre *pela* e *na* interação de uma comunidade de aprendizagem (autores, coordenadores, professores, tutores, alunos). A mediação tecnológica como o uso de livros para ensinar e aprender são objetos que somente começaram a ser usados em larga escala com o advento das técnicas de impressão de Gutenberg, no século XV, que permitiu que os livros se tornassem portáteis.

Para Chartier e Lebrun (1998), as transformações dos textos ocorridas, desde a Antiguidade com o códice até os dias atuais na tela do computador, permitiram um maior acesso à leitura e ao conhecimento entre as pessoas, inclusive e, principalmente, no ensino a distância. Entendemos que essa ruptura entre o livro e a tela do computador vem proporcionando ao sujeito-aluno que se insere na Era Informacional, das novas tecnologias, uma apropriação de conhecimento e de materialidade na construção com o seu saber nas instituições de ensino.

Consideramos que este novo modelo de educação ligado à aplicação de novas tecnologias, principalmente a Internet, vem democratizando o ensino e possibilitando a este aluno do ensino a distância que seja cidadão consciente de seu papel na sociedade e sujeito que transforme o meio que vive (GIROUX, 1997).

Isto só se faz possível porque entendemos a língua como um produto histórico, uma forma de interação realizada por meio de enunciações e que sua natureza é social. Logo, para que este aluno (sujeito em formação) tenha voz e vez, que aprenda, compreenda e depreenda os conhecimentos ensinados durante o curso a distância, é preciso que o aluno seja respeitado a partir de sua realidade, a partir do que enuncia, do que diz, do que evoca por meio da palavra (escrita, oral).

Bakhtin (2003), afirma que a palavra está permanentemente inserida numa relação dialógica: tanto serve de expressão de um em relação ao outro, uma vez

que é dita por alguém, como também é dirigida a alguém. Entendemos, portanto, que as práticas de uso da linguagem como forma de interação, os acervos e as experiências e como estas se deram ou se dão em diversos âmbitos de convivência e socialização (na família, na escola, nas igrejas, trabalhos, do lazer à participação nas associações e cooperativas), espaços que de uma forma ou de outra permeiam e perpassam os discursos dos egressos da Educação a Distância, sujeitos dessa pesquisa.

A língua é, assim, condição de possibilidades do discurso. No entanto, a fronteira entre língua e discurso é posta em causa sistematicamente em cada prática discursiva e quando isso acontece, precisamos compreender os processos discursivos em relação às produções do discurso e suas enunciações, elencando sempre as circunstâncias contextuais. Os discursos não são autossuficientes nem indiferentes uns aos outros, mas se refletem mutuamente, uma vez que, de um lado, todo discurso está repleto de ecos e lembranças de outros, aos quais responde, refutando-os, completando-os, fundamentando-se neles, supondo-os conhecidos e, de outro se coloca como elo nessa cadeia verbal, propondo sentidos e pedindo respostas (BAKHTIN, 2012).

Todo discurso é orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio falante quanto as de outros, pois ele é, de certa maneira, parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala e está situado no meio social em que se forma o sujeito. Neste sentido, consideramos ser importante ressaltar outras formas de acesso ao ler e ao escrever, muitas vezes, advindos de processos não escolares. Entendemos que Freire (2003, p. 25) explora bem tal questão, pois o mesmo considera, que “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Assim, entendemos ser importante conceituar o que é língua(gem), discurso como um processo de interação, bem como ressaltar as maneiras de ler e de escrever, pois o aluno que se inscreve num curso a distância precisa ser compreendido como um todo para que possa ser levada em conta a sua história de vida, o seu dizer acerca do mundo e o que é educação para ele.

Na próxima seção abordamos a metodologia empregada (métodos) e, adiante seguem os resultados.

3 CONTORNOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada nesta pesquisa recorre à bibliografia acerca do tema Educação a Distância, bem como a entrevista com pergunta aberta aplicado a três professores de escola pública sobre a Educação a Distância e respectivas transcrições. Neste sentido, a abordagem em que se inscreve a presente pesquisa é qualitativa exploratória, uma vez que estimula os entrevistados (sujeitos pesquisados) a pensarem livremente sobre o tema, objeto ou conceito. Permite ainda, que o pesquisador tenha familiaridade com o problema a ser investigado, com vista a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses (GIL, 2008).

Para Minayo (1993, p. 21-22), “esse tipo de pesquisa trabalha, com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Nessa pesquisa, o texto materializado se dá a partir das vozes dos sujeitos, pois o que interessa na Análise Dialógica do Discurso não é a palavra em si, mas o entremeio, os sentidos desses enunciados. Porque é por meio desses enunciados que vemos e tentamos compreender como o sujeito vai se constituindo *na* e *pela* história. Esta que está em movimento, que é um *continuum* e, por conseguinte pela memória desses sujeitos pesquisados. Para Bosi (1994, p. 39):

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.

Bosi (1994) nos permite lançar o olhar para o sujeito a partir de um viés analítico discursivo, que não produz nem controla as convenções sociais que

envolvem a existência social e, sim que acaba interagindo com o *outro*. Entendemos assim que os comportamentos e as representações são exteriores ao sujeito e pertencem a formações ideológicas. Os sentidos são também exteriores aos falantes, pois pertencem a um enunciado, que acabam determinando o dito e o não dito em dado contexto.

No dia 22 de outubro de 2012, foram entrevistados cinco docentes das seguintes áreas: (um) Ciências Exatas (Matemática), (dois) Linguagem (Língua Portuguesa), (um) Ciências Exatas e Naturais (Ciências Biológicas), (um) Ciências Sociais (Geografia) que cursaram ensino presencial e a distância. Destes cinco, apenas três docentes entrevistados nesta pesquisa² egressos do ensino superior (graduação) a distância que ministram aula nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio em uma escola pública localizada no Vale do Itajaí (SC) responderam em uma folha de papel A4 e via *e-mail* (correio eletrônico), o seguinte comando, a única pergunta realizada nesta pesquisa: “O que você entende por *educação a distância*”? Seguem as respostas dos sujeitos na íntegra³:

“A educação a distância é um processo que possibilita o estudante ter uma organização do tempo e espaço de estudo. No entanto, requer cuidado e disciplina em sua jornada diária. Com isso, o tempo específico para os afazeres é necessário, inclusive a possibilidade para os estudos. A autonomia do estudante facilitará a organização individual. Não significa que esse modelo será mais fácil, mas sim adequará ao estilo de vida e a valorização dos afazeres. Portanto, permitirá o questionamento, formas de leituras, organização de ideias, longe de modelos de estudos e caindo uma reflexão sobre os aspectos fundamentais para uma formação”(S1 – 46 anos, área de atuação – Linguagem (Língua Portuguesa), 6 meses de magistério).

“Uma oportunidade para muitos, pois há pessoas que realmente gostaram de estudar uma formação e não possuíam renda e tempo suficiente para isso. Há quem diga que quem estuda a distância não aprende, eu discordo dessa afirmação, só não aprende quem não tem interesse em aprender, assim como no curso presencial há pessoas que saem sem saber quase nada, isso é muito relativo. Uma pessoa que faz curso à distância, terá que ler e estudar muito mais do que o aluno que está em sala. É claro que na educação à distância é necessário um sistema de avaliação eficiente, presencial, que realmente cobre do aluno a aprendizagem significativa”(S2 – 39 anos, área de atuação - Ciências Exatas e Naturais (Ciências Biológicas), 3 anos de magistério).

² Para este artigo, resguardamos as verdadeiras identidades dos sujeitos pesquisados e os nomeamos por S1 (Sujeito 1), S2 (Sujeito 2) e S3 (Sujeito 3).

³ As transcrições que seguem não sofreram correções, logo possíveis erros ortográficos, de concordância, de pontuação que aparecem no decorrer das respostas, são escritas dos próprios sujeitos pesquisados (S1, S2, S3).

“Se fosse falar da educação a distância antes de eu me formar nesta modalidade de ensino, eu diria que ela é apenas mais uma nova oportunidade para quem não tem condição de frequentar a escola regularmente se formar no ensino superior. Depois de formado e de ter participado por quase 4 anos desta forma de ensino, pude ver e julgar o tipo de pessoal que busca esta forma de graduação. Acredito que o ensino a distância agora sirva para formar uma quantidade muito grande de pessoas desqualificadas, enchendo assim o mercado com profissionais incapazes de lidar com varias situações que ocorrem no dia a dia, mas por outro lado, vejo a educação superior presencial se banalizar todos os dias, onde basta vc pagar e participar das aulas e vc é aprovado, isto claro, pensando totalmente na educação superior privada nas universidades de nossa região, acredito fielmente que as instituições publicas ainda não chegaram nesta fase de aprovação, até porque lá por ser gratuito, tem mais cobrança. Várias são as metodologias utilizadas em educação, seja elas, à distância, presencial ou semi, de uns anos para cá a educação vem decaindo não só na educação a distância onde vários professores formados nas presenciais falam de boca cheia que a educação a distância está saturando o mercado. Depois que entrei na educação como professor, pude perceber um certo desconforto entre todos os profissionais da área a respeito disto, mas realmente a grande maioria que tem aversão a esta modalidade de ensino são aqueles profissionais arcaicos e não abertos a mudanças, aqueles que reclamam de salários, de escola, de métodos de ensino, mas não evoluem em sala de aula, continuam aplicando a educação bancaria de anos atrás, e dizem ser professores “perfeitos”, pode ser uma palavra radical, mas é preciso sim haver uma renovação da educação a nível nacional. Quando penso em educação a distância, penso que foi nesta modalidade que me formei, me julgo critico, inteligente ao extremo e sinceramente, muito, mas muito melhor que dezenas de professores que têm aversão a esta modalidade de ensino, agora quando falo em metodologias de ensino, de preparação para o trabalho, de aprendizado sistemático, penso realmente que nem a educação a distancia, nem a presencial estão dando conta do trabalho, as duas hoje voltadas totalmente ao capitalismo de consumo, não tem preocupação alguma em atender aos profissionais que estão ingressando no mercado de trabalho, principalmente na área de educação, a educação ficou “detonada”, jogam qualquer analfabeto “tanto professor como aluno” numa sala de aula, e esperam que eles resolvam todos os problemas. No meu curso de geografia, a educação a distância não me serviu pra nada, e tenho certeza absoluta que a presencial também não serviria, pois a educação esta errada, não é a modalidade, o método de educação, os conteúdos, as ideias ilusórias, as falsas expectativas, tudo isto aliado á “burrice” daqueles que buscam a licenciatura a distancia como uma forma de ter um “salário melhor”, muitos deles vindo de fabricas onde eram operários apertadores de parafusos, incapazes de conceber a educação como ela deveria. Acho que tanto na educação a distância como na presencial, eles prometem um futuro promissor, uma ideia de educação perfeita, mas somente quando abandonamos a faculdade e ingressamos na profissão é que temos uma palavra critica a respeito das formas de educar, e que nem a educação a distância quanto a presencial conseguem perpassar isto para seus alunos. Nosso país assim como muitos outros, principalmente os subdesenvolvidos, banalizaram a educação, e não somente a “à distância” mas toda forma de educação, banalizaram, criaram um comércio que vende títulos a preço de um futuro salário aceitável para viver na sociedade consumista que nos encontramos. E muitos dos que criticam qualquer forma de educação, são os mesmos que não buscam conhecimento fora da realidade de seu dia a dia, aqueles professores carregados com 60 horas semanais, que se inflam para dizer, “a educação a distância satura nossos empregos”, na minha concepção a forma mais

correta de estar levando em conta os aprendizados destes profissionais, seriam provas de tempos em tempos que comprovassem o desenvolvimento intelectual deste ser, aí sim separaria os bons dos ruins, e não o local que ele se formou e nem a modalidade de ensino. Pois todos não passam de comércio”(S3 – 30 anos, área de atuação –Ciências Sociais (Geografia), 1 ano de magistério (resposta enviada por e-mail)).

Passamos, assim, a analisar as categorias: A Educação a Distância e a postura do aprendiz; A formação superior a distância e o modelo presencial; A interação entre professor e aluno; A escola/universidade e os aspectos didáticos e curriculares e discutir os registros dos três professores aqui pesquisados na subseção seguinte.

3.1 A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E A POSTURA DO APRENDIZ: UMA ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na atualidade, a veiculação e armazenamento digital de informações por meio, principalmente da Internet, permite registrar, editar, combinar, manipular todo e qualquer conhecimento, em qualquer lugar, a qualquer tempo; bem como acessar conteúdos, imagens, atividades podem trazer inúmeras possibilidades de escolha e de interação entre as pessoas. Esta interação possibilita uma ruptura dos espaços e tempos rígidos, previsíveis, determinados para além das salas de aula, ou do ambiental virtual de aprendizagem em se tratando da formação docente e da Educação a Distância (LÉVY, 1997).

Para Almeida (2007), os recentes ambientes virtuais viabilizados pelos sistemas tecnológicos na rede mundial de computadores reúnem docentes e alunos no ciberespaço⁴e possuem características não encontradas anteriormente. As possibilidades de interação e uso de certos recursos que apenas a Internet possui como o hipertexto, autoria coletiva simultânea seriam amplamente contempladas.

Neste sentido, Moran (2003) afirma que uma mudança de qualidade no processo de ensino e aprendizagem acontece quando conseguimos interligar todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais. Deste modo, com uma página virtual é possível interligar o uso

⁴ “Espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e de memórias informáticas” (LÉVY, 1997, p. 107).

dessas variadas mídias.

A partir dos dizeres de dois sujeitos, podemos compreender que a Educação a Distância é uma possibilidade de aprendizagem e que esta exige comprometimento e autonomia. O S1 sinaliza isto quando afirma que é preciso organizar “o tempo e espaço de estudo” e que isto “requer cuidado e disciplina”. O S2 evoca que o aluno de Educação a Distância “terá que ler e estudar muito mais do que o aluno que está em sala”.

Giroux (1997) entende, a partir da pedagogia crítica, que alunos possam e devam intervir na sua própria autoformação, como podemos notar nas falas de S1 e S2 ao apontarem consciência de que precisam se dedicar mais nessa modalidade de ensino e têm autonomia para estabelecerem o seu tempo de estudo, impondo a eles mesmos regras para a organização desse tempo de estudo. Logo, esses sujeitos são “tanto produtores quanto produtos da história” (GIROUX, 1997, p. 15). Do mesmo modo, que precisam esses professores em formação usar o conhecimento crítico para mudar, muitas vezes, o próprio curso desta história.

Neste caso, o fazem a partir do ingresso no curso de graduação a distância. Isto também vem a refletir nas escolas em que esses futuros profissionais atuam ou irão atuar como formadores de opinião, como educadores. Nóvoa (1992, p. 24), evoca que “a formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma nova profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas”.

Por outro lado, Nóvoa (1992, p. 24) afirma que “a formação de professores tem ignorado, sistemicamente, o desenvolvimento pessoal, confundindo ‘formar’ e ‘formar-se’, não compreendendo que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação”.

Passamos assim, na próxima subseção, a discutir acerca da formação em nível superior na modalidade a distância comparada ao modelo presencial de ensino.

3.2 A FORMAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA E O MODELO PRESENCIAL

O que afirma Nóvoa (1992) na subseção anterior vai ao encontro do que S3 aponta sobre sua recente formação em nível superior a distância, comparada a de outros profissionais de educação formados pelo modelo presencial e atuando há muito tempo e que *“continuam aplicando a educação bancária de anos atrás, e dizem ser professores ‘perfeitos’”*. Complementa ainda que *“é preciso sim haver uma renovação da educação a nível nacional tanto do professor como do aluno”*, pois *“somente quando abandonamos a faculdade e ingressamos na profissão é que temos uma palavra crítica a respeito das formas de educar, e que nem a educação a distância quanto a presencial conseguem perpassar isto para seus alunos”*. Isso ocorre porque

a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante *investir a pessoa* e dar um estatuto ao *saber da experiência* (NÓVOA, 1992, p. 25).

Para Tardif (2002, p. 21), o saber da experiência é *“um espaço onde o professor aplica saberes, sendo ela mesma saber do trabalho sobre saberes, em suma: reflexividade, retomada, reprodução, reiteração daquilo que se saber naquilo que se sabe fazer, a fim de produzir sua própria prática profissional”*. Logo, estes saberes experienciais são baseados no trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio, sendo aquele que perpassa o *saber-fazer*, as habilidades, os métodos de transmissão de conhecimento. Assim, a *“educação bancária de anos atrás”*, e que está muito presente ainda nos dias atuais, pelo que sinaliza o discurso do S3, é contrária ao respeito às diferenças, pois para Freire (1987, p. 68):

A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.

Freire (1987) ressalta ainda que a educação cumpre seu papel na medida em que permite a construção de um cidadão, ou seja, aquele que tem voz e vez no processo de ensino e aprendizagem. Busca a compreensão da realidade e muda-a em benefício de si e dos outros. Neste sentido, a atuação do professor em formação vai além das fronteiras do repasse ou transmissão de conteúdos, e atuando como

alguém que instiga seus alunos a esta compreensão e transformação, pois o diálogo e a interação possibilitam isso.

Portanto, esta integração e troca de experiências através do diálogo permitem que professor/tutor e aluno da Educação a Distância não fiquem limitados apenas à propagação de conceitos, fórmulas, discursos ou mesmo exercícios. Ou seja, tal dinâmica permite ir além, buscando a autonomia de pesquisa e veiculação das produções dos docentes e discentes em um ambiente virtual (*chats*, fóruns, *blogs*, *sites*), que exporia questionamentos e reflexões dos professores e dos alunos.

Passamos a tratar da interação entre professor e aluno na subseção que segue.

3.3 A INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

As relações de ensino e aprendizagem ocorrem a partir das interações entre professor e aluno e vice-versa. No que se refere à EAD, Almeida (2007, p. 119) acrescenta que,

os ambientes virtuais de aprendizagem permitem aos participantes fornecer informações, trocar experiências, discutir problemáticas e temas de interesses comuns e desenvolver atividades colaborativas para compreender seus problemas e buscar alternativas de solução.

Extra-classe, em suas próprias residências ou em ambientes como *lanhouses*, *cybercafé*, existe a possibilidade de que os alunos possam contribuir, e muito, com suas sugestões temáticas e suas próprias opiniões. Tal contribuição visaria, além de propiciar a coautoria para fins de aprendizado e incentivo, a uma maior contextualização de *homepages*, *sites*, *blogs*, fóruns, *chats*; pois, eles estão, diariamente, em contato com outras mídias em seu meio social. Essa interação entre professor/aluno e aluno/aluno permite que os atores da EAD acessem e visualizem exemplificações dos conteúdos trabalhados nas plataformas virtuais e as suas construções textuais divulgadas na grande rede de computadores.

Compreendemos assim, que o aspecto da experiência, ou seja, a possibilidade de algo que nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção. Isso nos permite parar para pensar, para olhar, parar para escutar

nesta era digital pensando no aluno como um ser social, humano e não uma máquina (LARROSA, 2004).

Bauman (2001) considera que esse ser social e humano, a partir do conceito de sociedade (da era digital), está derretendo e esse derretimento dos sólidos, vem levando a liberdade da economia de seus tradicionais embaraços políticos, étnicos e culturais. É bem por essa invasão de uma economia de mercado como ideia de humanidade que a ciência da educação deverá estar centrada no ser humano enquanto formador de gente e não de máquinas. A ciência da educação tem que entender as outras ciências, mas não ser igual, porque essa não é a função da educação.

Isto se remete ao que o S3 aponta no tocante à Educação a Distância e também Presencial: “[...] *nem a educação a distancia, nem a presencial estão dando conta do trabalho, as duas hoje voltadas totalmente ao capitalismo de consumo, não tem preocupação alguma em atender aos profissionais que estão ingressando no mercado de trabalho, principalmente na área de educação, a educação ficou ‘detonada’ [...]*”. Logo, entendemos, a partir deste discurso, o que Nóvoa (1992) vem discutindo há mais de vinte anos, sobre a “crise da escola”.

Na subseção a seguir, discutiremos sobre a escola/universidade diante dos aspectos didáticos e curriculares.

3.4 A ESCOLA/UNIVERSIDADE E OS ASPECTOS DIDÁTICOS E CURRICULARES

Nesta subseção, o que está em questão é a eficácia da escola/universidade, passível de ser melhorada a partir de uma intervenção centrada em aspectos didáticos curriculares. Por outro lado, há carência de uma visão de mundo seja de si mesmo, da relação com os outros e da relação com a realidade social, no que se refere à própria formação profissional docente e a sua identidade pessoal.

O S3 apresenta esta carência através de sua fala de que a “*educação a distância não me serviu pra nada, e tenho certeza absoluta que a presencial também não serviria, pois a educação esta errada, não é a modalidade, o método de educação, os conteúdos, as ideias ilusórias, as falsas expectativas*”. Nas palavras de Freire (1987, p. 68) “o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto

educa, é educado, em diálogo como o educando que, ao ser educado também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo”. Isso é possível, pois há uma ruptura no ensino tradicional, em que somente um ensina por transmissão.

Nesse sentido, aprender com o outro, no caso de mediadores, implica em saberes distintos. Os saberes se distinguem dado suas origens e intenções. O saber do professor tem uma qualidade dadas suas leituras, sua experiência, sua intenção. O saber do aluno terá outra qualificação conforme suas leituras, seu contexto, suas relações. Isso não implica em superior/inferior, mas para que, quem se destinam esses saberes.

Percebe-se ainda que S3 possui a convicção de que não aprendeu por dizer que a Educação a Distância “*não me serviu pra nada*”. Pelo contrário, consideramos num viés histórico e social perpassado pela ideologia que na interação com suas leituras, discussões com professores e alunos, este sujeito teve uma educação libertadora. Esta educação pode questionar concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, visando a uma transformação (FREIRE, 1987).

Nesse caso, depreendemos que o S3 pede por essa transformação, mas precisa lançar olhar para o que já está aí, a substância, o real, o já construído e a partir disto, compreender que sua realidade é a realidade de uma sociedade democrática, que vem buscando por uma qualidade nesta democracia através da ética. Esta entendida como ética universal do ser humano, enquanto marca da natureza humana que se constitui social e historicamente. Freire (2011, p. 20) explica que o ser humano, tornou assim, “[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um ‘não eu’ se reconhece como ‘si própria’”. Logo, o S3 não se percebe em si, mas transfere um “*não aprendido e não apreendido*” quanto ao seu conhecimento à modalidade a distância e, também a que não estudou (presencial), e acaba em seu discurso nos permitindo reconhecer o discurso que vem do outro em si. Discurso este que é a presença do ser humano que

[...] se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão,

da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade (FREIRE, 2011, p. 20).

Assim, a Educação a Distância como um dos sentidos apontados pelos sujeitos apresenta-se como um meio que possibilita que a forma de construir conhecimento, de experienciar, de romper com paradigmas tradicionais de educação, passem a ser veiculadas num novo espaço e tempo. Isto permite que professor e aluno possam transformar o meio em que vivem, tenham autonomia e consciência de seus atos, dos discursos que circulam em seu ambiente. É na sociedade do conhecimento que se forma a ideia de educação para formar cidadãos, escolarização universal, gratuita e leiga, que deve ser estendida a todos com qualidade na democracia.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os sentidos da Educação a Distância, na voz do professor de escola pública, foi a provocação no título do presente artigo. Percebeu-se que tal modalidade educacional existe, na voz desses professores, como possibilidade/oportunidade de formação, autônoma e democrática e, como tal responde a determinadas demandas sociais, por isso o interesse em uma perspectiva curricular em se tratando do docente.

Acreditamos que nenhuma modalidade de educação está fadada, por si só, ao sucesso ou só ao fracasso. Ambas (presencial e EAD) têm seus pontos positivos e negativos. Levando em conta que o mundo está em constante transformação, nossa tendência é nos transformarmos junto com ele, mudando também a forma com que buscamos formação profissional inicial e continuada. A modalidade de ensino a distância, na atualidade tem recebido uma atenção especial por parte da sociedade, possibilitando acesso ao ensino aos sujeitos que, outra forma não poderiam cursar uma graduação ou pós-graduação pelo contexto (social, econômico, cultural ou geográfico) em que se inserem.

Nesse sentido, podemos dizer que um dos objetivos da Educação a Distância, desde os seus primórdios, é o emprego da economia de tempo e da flexibilidade para organização da rotina do estudante para melhor aproveitamento dos seus

estudos, num sistema diferenciado da educação presencial, permitindo aos alunos a possibilidade de “aprender a aprender”. A partir dos objetivos específicos, o de buscar apreender nos discursos dos sujeitos, o processo de ensino e aprendizagem a distância no contexto em que se inserem; o de analisar as reflexões dos sujeitos sobre os sentidos dos discursos acerca da educação a distância e; o de compreender como esses sujeitos se veem nesse contexto em seu dia a dia, permitiram lançar um olhar endógeno para a Educação a Distância.

A democracia é palavra-chave nesse processo de interação, possibilitando a participação, a decisão compartilhada e envolvimento dos alunos de Educação a Distância. Agregados a este processo democrático, a Educação a Distância, que se inscreve hoje na era digital, busca ir além da relação computador/ser humano e, sim, uma relação social *na* e *pela* interação com o *outro*. Cabe ressaltar que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) apresentam-se como os meios que permitem que a forma de construir conhecimento, de experienciar, de romper com paradigmas tradicionais de educação, passem a ser veiculadas num novo espaço e tempo. Isto permite que professor e aluno da Educação a Distância possam transformar o meio em que vivem, tenham autonomia e consciência de seus atos, dos discursos que circulam em seu ambiente.

Assim, a Educação a Distância permite que o aluno tenha autonomia e disciplinamento nessa modalidade de ensino, uma vez que este necessita de tempo e espaço para realizar seus estudos, interagir com o material a partir das leituras que realiza. O uso de ferramentas como o computador representará saltos significativos na gestão do processo educacional, contudo o ser humano precisa sentir-se sujeito das mudanças, pois a tecnologia é apenas um impulso para a humanidade empreender mudanças que objetivem a ampliação da qualidade de vida das pessoas baseada na interação e no aprender com o outro.

SANDRA POTTMEIER

Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente do quadro do magistério do Estado de Santa Catarina. Docente colaboradora na Pós-Graduação (lato sensu) do Centro Universitário Leonardo da Vinci – Campus Indaial/SC.

MELISSA PROBST

Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB).
Doutoranda em Educação na Universidade Tuiuti do Paraná. Atua como docente na
Universidade Regional de Blumenau e no Núcleo de Educação a Distância do
Centro Universitário Leonardo da Vinci.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. de. Integração das Tecnologias na Educação. In: *SEED/MEC*.
Módulo Básico – Gestão Integrada de Mídias/Informática. Brasília, 2007.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003,
476 p.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método
sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012, 200 p.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien, Rio de Janeiro:
Zahar, 2001, 260 p.

BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*.
Brasília, 1996.

BOSI, E. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo:
Companhia das Letras, 1994, 488 p.

CHARTIER, R.; LEBRUN, J. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo:
Ed. da UNESP, 1998, 160 p.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 256
p.

_____. *A Importância de o Ato de Ler*. São Paulo: Moderna, 2003, 104 p.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São
Paulo: Paz e Terra, 2011, 144 p.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008,
200 p.

GIROUX, H. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da
aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 270 p.

LARROSA, J. *Linguagem e educação depois de Babel*. Tradução de Cynthia Farina.
Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 360 p.

LÉVY, P. *Intelligence collective*. Pour une anthropologie du cyberspace. Paris: La Découverte/Poche, 1997.

MORAN, J. M. *O Eu e o Outro no grupo*. Material Interno do Programa de Pós-Graduação em Educação - Currículo da PUCSP - Projeto Formação Aprendizagem: Formas Alternativas de Atendimento, 2003.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1993, 408 p.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A.; CHANTRAINE-DEMAILLY, L. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote: Instituto de Inovação Educacional, 1992, p.15-33.

TAFNER, E. P.; TOMELIN, J. F.; SIEGEL, N. *Educação a distância e métodos de autoaprendizado*. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.